

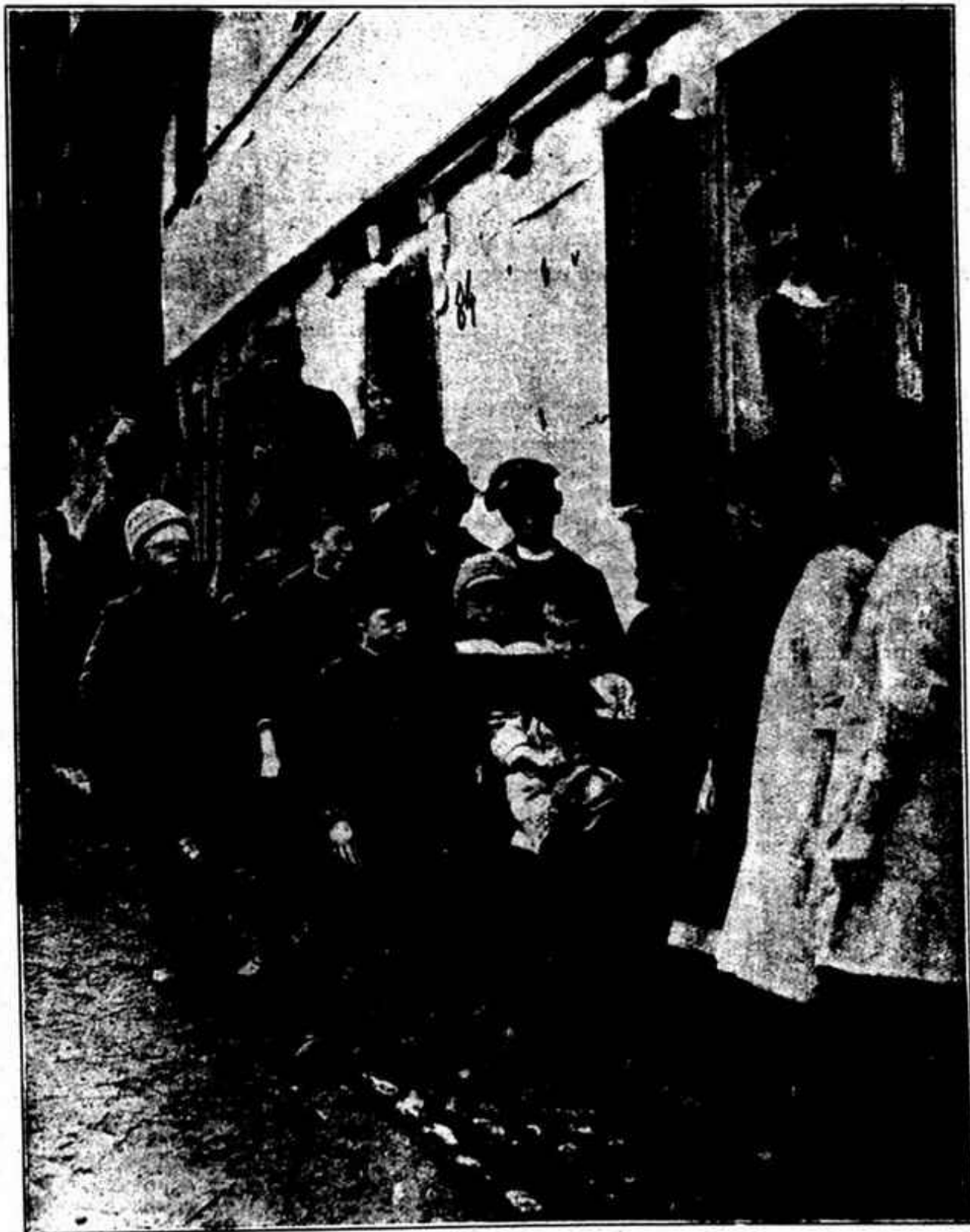
# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1298	Redacção—Atelier de gravura—Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte) m forte	3800	2000	2050	3120	20 de Janeiro de 1915	Composto e impresso na Typ. de Cesar Piloto <i>Largo de S. Roque, 11 e 12</i> Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos
Possessões ultramarinas (idem).....	4000	2000	2050	3120		
Estrangeiro e India .....	5000	2500	2050	3120		

## CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA



LICÇÃO DE FRANCÊS A CRIANÇAS DA ALBACIA (Em Soppe-le-Bas)

## CRONICA OCCIDENTAL

Não cometeríamos jamais a maldade de recomendar o trabalho forçado d'uma leitura atenta das gazetas varias e multiphas de Portugal.

As razões são obvias.

Inhibem nos o respeito que dedicamos ainda á individualidade do cidadão, e o melindroso e estremeado carinho que o nosso leitor merece sempre.

Entretanto, se o demonio da perversidade tentar alguém, aconselhamos lhe imediatamente o uso refrigerador das aguas-homoeopaticas ou a leitura, moderada e desopilante, dos poetas modernistas. As aguas-homoeopaticas tornar-se-ão antidotos-*similes similibus curantur*. A leitura d'esses senhores poetas será o soporifero abençoado. So assim o nosso querido leitor poderá continuar a fruir as suas imunidades de contribuinte...

Mas somente as gentes, já corrompidas pelo vicio do periodismo nacional, nos queriamos dirigir nos e interpelar sobre a acção que a nossa imprensa tem exercido ao longo e á volta da Parvonia. A bel-prazer nos disporiamos, de seguida, a analisar a exactidão fotometrica da frase de Junqueiro, que reconhece mais luz no alfabeto que na constelação da Úrsa-Maior. E reputamos de Junqueiro a frase porque todos os ditos agudos e picaros dos ultimos tempos são atribuidos ao grande Poeta — que anda, pelos modos, á compita com o sr. Gualdino Gomes ou um Bertholdinho de cordel.

Dizem que a imprensa é o veiculo da civilização. Eis três palavras lindas que pertenceram indubitavelmente á collecção de pensamentos inéditos do conselheiro Acacio. Mas se é civilização isto que as gazetas nos apregõam dia a dia — rancões, intrigas, odios, calunias — perdemos licença para dar a esse veiculo o seu nome verdadeiro — cano d'escôto.

Por isso nos parece que a tinta de escrever empregada na maioria das redacções politicas é inconfundivelmente — agua de chiqueiro. Cada penada é um esguicho. Infeliz d'aquelle que passa desprevenidamente sob o varandim — arrisca-se a ser enxovalhado e enodado...

E ainda vêem falar-nos da missão moralisadora da imprensa periodica!

Os forçados do periodismo nacional reconhecem no á evidencia.

O pobre sêr humano que ainda hontem era tido e havido como irrepreensivelmente proba nas suas relações com o seu semelhante, é já hoje, sem transição nem explicação, intratavel e dotado de tal ferocia de animo que moveria de espanto Iago.

O mocinho imberbe e frivolo que viamos ha um mês, debruçado sobre a mésa dum café a beberricar grogs elegiacos pagos por outrem, é amanhã um poeta digno do sobrececho do Trinca-Fortes.

E o estadista misterioso que projectou por artes e manhas occultas a sua aparição sobre a bancada da governação, será apodado em breve de notavel e gozará a gloria de levar a nação á bancarrota geral.

D'este modo, a imprensa do nosso paiz cumpre indefectivelmente a sua missão redimidora. Assim pontifica de alva a nossa imprensa. Pontificar de alva — é aqui uma figura de retorica maravilhosamente propria: — pois de tão safada fica em plena conformidade com a alva

usada em pontifical pela nossa imprensa periodica.

Quanto a politicos, nós sabemos muito bem que pensar. Segundo as nossas gazetas, todos eles são de vistas longas — como as aves de presa. E como certas aves de presa excepcionadas — se uns têm penas infinitas e portanto azas de magoa para se libragem nos intermundios, não têm garras que os fixem num dado momento a terra; se outros possuem garras fortes, recurvas e aduncas, não possuem penas que os elevem um palmo acima do Zimborio da Estrela.

Aves servas, aves despenadas e desgarradas, aves mendigas, politicos — ai d'eles! — todo o seu longo olhar fica circunscrito ás grades d'esta gaiola de feira — recanto da Peninsula em exposição á curiosidade e gaudio das gentes estranhas.

Aguias domesticas — o tempo ha de transformar-vos sem milagre em perús, emborrachar-vos num momento e dar a alguém o prazer glutão de vos ingorgitar com mólho de cabidela num dia de carnaval.

A função intelligentissima da imprensa — ah isso resalva-a de todas as suas aberrações de moralidade.

Para reconhecê-lo, de facto — basta vêr como ela sabe prestigiar a teoria que defende, e defender os homens que a servem, e servir o regimen que a consente. Consoante a opinião da nossa imprensa periodica, que parece seguir sempre a direcção varia dos ventos, todos os nossos homens-publicos são instante a instante quase simultaneamente — talentos altissimos e imbecilidades infimas, bandidos charros e pessoas de bem venerandas.

Aportando á occidental praia lusitana — o estrangeiro estarrece, boquiaberto e confuso, incompreensivo...

Todavia, conhecemos um estrangeiro que nos compreendeu muito bem e se assimilou admiravelmente á indole do nosso povo.

Foi Simão Gattai — o feliz.

O nosso homem veio repousar em Portugal comodamente as suas fibras gastas de revolucionario. Decorria agitada a crise de 48. Simão Gattai — o primeiro emigrado italiano desse ano a saborear as delicias da lingua portuguesa — começa de soletrar a literatura das gazetas. De principio — só o titulo. Em seguida — os subtítulos sugestivos. E ao depois — não recua, não pára, avança e arremessa-se impavidamente sobre os artigos de fundo. Ali, as diatribes tornam-se formidandas.

Esfervilham acusações — que bastam para levar de rastros os acusados ás galés ignominiosas. Simão Gattai continua a lêr e relê sem resfolegar:

— Costa Cabral... ladrão!

— Marechal Saldanha... bandido!

E o italiano dá de frente com o seu companheiro do Marrare e pergunta-lhe serenamente:

«Mas estes homens ainda não estão presos?»

— Não.

«Ah, então, nem os ladrões nem os bandidos são presos n'este paiz?! Delicioso paiz! Pois, eu, é que d'aqui me não vou já...»

Retorque o emigrado. Cumpriu rigorosamente a sua palavra. Aqui ficou e aqui morreu.

Delicioso paiz!

Antonio Cobeira

## Folhas soltas

## Carnaval ou tres dias de loucura permittida

Começo por dizer que comprehendo o Carnaval, quando é revestido de belleza, de elegancia e de riqueza. Quando os theatros apresentam peças deslumbrantes, orquestras magnificas, mas... quando é como o nosso Carnaval, que possui por norma a porcaria, a graça indecente, devemos-lo reprovar por completo para bem da sociedade. Como elle se apresenta entre nos, faz tristeza, mette nôjo, é a authentica decadencia da nossa raça.

Ha annos pensaram para ahi em um carnaval civilizado, cortejos, carros allegoricos etc, mas o nosso povo não pode de repente mudar de gosto e logo cahimos novamente no antigo carnaval.

As ruas fazem nos tristesa; homens com vozes avinhadas cantam quadras, sem espirito, quando não são indecentes; mulheres de vida facil á mistura com fastidiosos percorrem as ruas da capital, a pé ou de carro, lançando com gargalhadas imbecis ditos aos que passam serios e pacatos, muitas vezes enojados do que presenciavam.

Pelas casas particulares nada temos; apenas grupos de meninas e rapazes visitam familias das suas relações e nos electricos e nas ruas encontramos esses ranchos carnavalescos, sempre alegres ao passo que os papas e as mamans vão achando immensa graça a todo aquillo... educação moderna que vae dando immensos resultados.

Nunca houve uma tão boa occasião para o Carnaval ser prohibido como o momento actual. O nosso paiz, julgo eu, não atravessa uma epoca de muita alegria, alem das crises de toda a ordem, nos lares portuguezes já existe luto pelos nossos irmãos mortos em terras africanas e outras familias vêm partir novas expedições, entes queridos que vão atravessar os mares, incertos do seu futuro. Como poderá haver vontade de brincar o carnaval?!!

Respondam-me todos aquelles que possuam um bocadinho de coração e bom senso.

Ponham termo a esses tres dias de loucura permittida. O tempo presente não está para festas e risos, quando milhares e milhares d'almas estam soffrendo as torturas de guerra, da miseria, quasi da fome.

Acabem com essas mascaras de papelão pintado, bem bastam aquelles que nós aturamos por obrigação o resto do anno...

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



## IMPRESSÕES &amp; COMENTARIOS

Recomendamos á atençaõ intelligente dos nossos leitores a leitura dos seguintes trechos literarios inseridos no numero presente desta Revista:

«Terra» — excerto dum livro inedito, illustrado carinhosamente por José Pacheco, devido á pena rútila e fina de João Corrêa d'Oliveira;

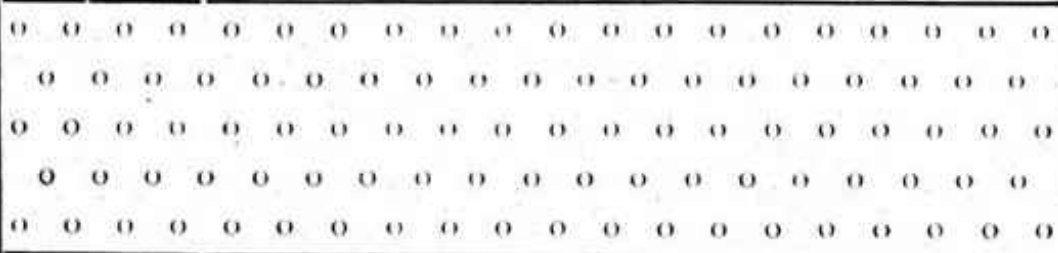
«Cheque á Raioha» — Manhã de Novembro — historietta elegantemente ironica de Claudio Baeto;

«Da Grande Guerra» — Presente do Natal — impressão curiosa do nosso amigo e correspondente em Paris, M. Beltrand de Montrose.

SORRINDO



Quadro de Julio Victorino



# Sorriso

(Ao quadro «Sorrindo», de Julio Victorino)



*M*isterio de coral e de marfim  
Toda a volupia desses labios, louca! . . .  
Fácita melopéa carmezim  
Orquestrando sirenica na boca . . .

*C*arne em bailados! Portico indeciso  
Onde ha 'spiras de sonhos fulvos, frouxos . . .  
Onde ha alcool a arder, nesse sorriso,  
— A alma agreste desses labios roxos! . . .

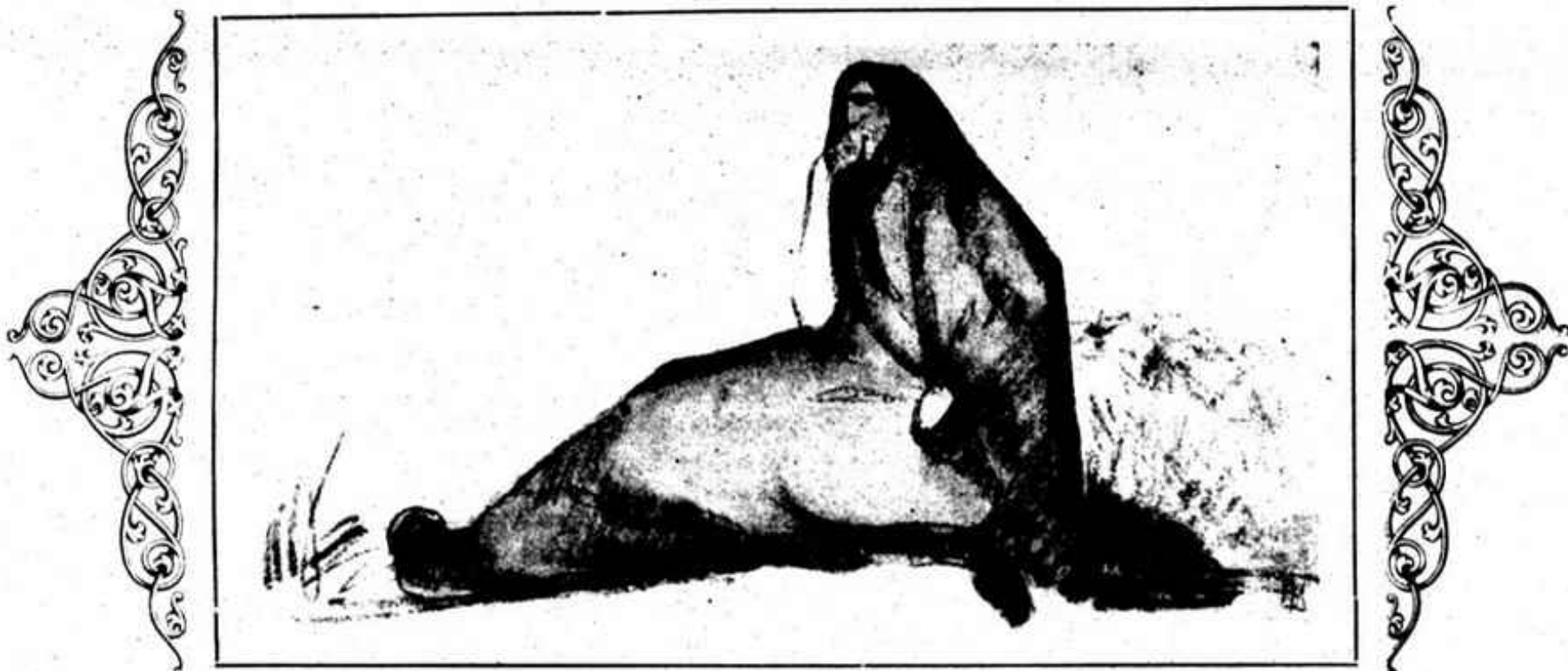
*O*nde ha reminiscencias do etereo!

.....  
*A*h! Sorriso! Quem dera o teu misterio  
Todo quebrado em chamas de desejo!

*E* ao unir, pelo auge, de excitados,  
Os meus labios sem cor nos teus corados,  
Smaecer-te no extase dum beijo!

Luis de Jesus Moita





(Desenho de Jose Pacheco)

## “TERRA”

.....  
E santa, e alegre, vida a sua!..  
Santa e alegre vida a d'ella, de dias  
tão curtos e contentes, então.

As horas passadas fóra dos montes,  
em pós a recolha da manada ao aprisco,  
figuravam-se-lhe eternas. E' que, longe  
do rapazola, embuia-se-lhe a carne de  
uma saudade, ancia de o ver, vinda tão  
de dentro — e tamanha! — que a trazia  
a modo de aparvalhada, sem tento de si,  
erradia de si propria, perdida em vasios  
de ausencia, mais sósinha entre as gentes  
que dantes no ermo dos montados.

Faltava se a si mesma, alheada, desa-  
geitada, incapaz de fazer coisa com coisa.

E já os ralhos dos amos, na granja, lhe  
cahiam em riba como pedradas: — «Eh  
espantalho, mexe te!»

E como ficasse a um canto da cosi-  
nha, dobrada para sobre a tigela do caldo,  
sem tocar nas vêças — «Nem p'ra comer  
serve, o 'stafermo!»

Depois, deitava-se e não dormia.

A solidão, á roda da arribana, por  
sobre o estabulo dos bois em que tinha  
a enxerga, parecia-lhe cheia da voz  
delle; as sombras desenharem lhe a  
figura e as estrellas, ao alto, encherem  
das chispas quentes dos seus olhos os  
pegos negros da noite. Imobilizada á  
escuta, á espreira (toda a sua carne era  
ouvidos... era olhos,) mordida de ancie-  
dades dolorosas, espasmos de volupia,  
exasperos animaes de puberdade nas-  
cente que ella não entendia, retorcia-se  
horas e horas n'uma deleitosa angustia  
de sentidos. Até que pelos quinxosos os  
galos prediziam com pancadas de aza  
e vozes estremunhadas as comoções  
matinaes da natureza, ou o dia apazi-  
guador entrelusia, brando e branco, nas  
fisgas do cardenho...

Que muitas vezes, vinha ainda o dia  
em casa de Deus, do sol nem novas ou  
mandados — noite plena — e já o demo es-  
tava a pé a dessurrar as pernas e a cara  
na agua do rego que empoçava rente  
ô muro, ou esperta e ligeira cirandava por  
aquelle caminho fóra, que nem folha le-  
vada do vento, — voltiginosa.

E a fealdade soturna d'essa hora!

As casas do povoado, acapeladas na  
envoa, não davam acôrdo de vida; dor-  
miam fundo, de rodilha com as coisas,

envolvidas em sombra e em silencio, de  
uma imobilidade funebre de cadaveres  
sob o veludo negro da noite, armada  
em catafalco.

O frio traspassava a carne, gelava  
nos renques das arvores o chôro dos  
relentos noturnos e a paisagem dura,  
violenta angulosa, povoava-se de visua-  
lidades sinistras em hallucinações de  
vento, fantasmagorias de nevoeiro, ron-  
das de sobrenatural, imagens incorporeas  
do outro-mundo, estortores e rálas da  
sombra, agonisando, estortegada pelo dia  
de encontro ao chão apuado de fra-  
guras.

Mas não havia frio nem escuridade,  
não havia susto de feitiçarias, nem pa-  
vor de lobos que a detivessem. Dantes  
estarrerecia de medo. Porém agora —  
boa ia ella! — parecia até que se torna-  
vam de velludo as pedras do caminho,  
para os seus pés trilharem e que a noite  
em vez de a assustar a abrigava mater-  
nalmente sob a sua aza, chamando-a a  
si, agasalhando-a no seu burel de brum-  
as — contraternisando-a com as coisas  
quêdas que crescem do chão.

Logo em pós a ultima casa do povo,  
o caminho, tristonho, ladeirava de impro-  
viso para o rio n'um impeto de quem  
se despenha, todo entre silveiraes altos,  
curvas estortegadas, resvaladouras de  
fraga moida das andaduras, sulcos de  
rodadas socavados pelas escorralhas dos  
córregos, por entre as grandes arvores  
precionaes das margens.

A meia encosta findavam os como-  
ros ensilveirados das fazendas e dos  
hortos; começava a terra maninha, mi-  
sera de humus, enriquecida de tojeiros,  
pinheiral rálo, sarnas de cascabulho solto,  
entre que o caminho, ramificado á  
direita e á esquerda, em cruz, se cavava  
em torcicolos e destadeiros, tornejando  
fraguados enormes que a larga ondula-  
ção das nevoas, á inquieta oscillação dos  
ventos, parecia avolumar, mexer, desarti-  
cular em mimicas de pezadelo.

Para baixo, de brusco e a pique, quasi  
verticalmente, a terra fendia-se sob os  
pés. O rio, d'um brilho fosco, entreluzia  
no fundo roendo pacientemente a  
rocha como um serrim d'aço.

Divisava se então a ponte romana, em  
baixo, sobre o ogiva acarvoeçada do  
arco como um traço de união entre os

dois montes, e a massa d'aguas alli avo-  
lumada em pégo pela compressão dos  
rochedos, esquadriados a pique.

Como a aza elastica da sombra se des-  
nastrava ainda por sobre tujo, nos lon-  
ges os cêrros e mais perto as arvores e os  
penedos, tomavam configurações fabulo-  
sas de encontro á bruma. Sobre o céu  
velado, côr de leite, dum livôr de face  
morta, exangue de distancia, diluiam-se  
os perfis dos montes enodoados de pinhei-  
raes e mattos, urzêdos e escarpas, em  
que empederniam velhas convulsões da  
Terra; e na fumarada cambiante dos va-  
pores, alando-se ao alto e desfundando  
o espaço, as imagens das coisas defor-  
mavam-se enchendo de faunas extrava-  
gantes, monstraosas tetralogias da linha  
de côr, todo o horisonte aberto á visão.

A encruzilhada era o lugar combinado  
para o encontro. E como era sempre a  
primeira a chegar, acocorava se entre os  
penedos, á espera. Pareciam lhe uma  
eternidade aquelles momentos. Afieitos  
a ellas, os seus olhitos cortantes de  
noctivaga escrutinavam em volta toda a  
redondeza de sombras que a cercavam.  
Até que elle surgia. A voz, até ahi con-  
tida, saltava lhe da garganta, frechando o  
ar de encontro ás quebradas:

— Eh! Bernardo!

Vinha o moço atrependo da ponte em  
costa arriba. As vozes asperas, os api-  
tos com que tangia a manada marulhavam  
como um recolhimento de aguas, naquele  
poço de silencio, estagnado e fundo, do  
valle:

— Cox'aquí'ii...! Trrr, trrr mééé... é.

Eh! 'eh! mirinha!

E ella de riba, toda dobrada no es-  
curo, grito á solta!

— Ih láá... á!

— Cá vô! ô... ô... ô... russ'arriba!

N'uma corrida, o rabo sacudido, lan-  
zudo e meigo, o Turco arremessava-se  
lhe ao regaço, de xôfre, a lambe-la toda,  
entre laudos:

— Tir'-te,... diabo feito cão.

E lá do fundo, de entre os penedos, o  
maioral desatava a rir de riço, desabala-  
damente, uma gargalhada que reboava  
pelos montes.

— Eh... ah! Turco! Beija-a por mim  
cão de bom dono!...

Não tardava a estar sentado á bei

rinha d'ella. A' roda, o rebanho pascia-se no relval perlado. Nem viv'alma. Tudo morto. Só o rio, os galos ao largo, um ou outro berro de pastor esmadrigado pelos baldios, davam signaes de vida.



(Desenho de José Pacheco)

vae que os braços fortes d'elle enroscavam-se lhe na cintura, que as mãos d'elle procuravam as suas, arranhadas, fugindo-lhes. . .

Os corpos aproximavam-se. As bocas

roçavam-se esbrazeadas de beijos. . . A d'elle tinha um halito de fogo que a queimava até á medulla. . .

— Dianho d'home!

Entrementes vinha a manhã. Uma rajada de luz sacudia o levante, lá longe, para traz das serras quèdas, dos altos montes immobilizados de extasis. . .

Ao vento que ventava dos pinheiraes, a nevoa despegava-se das coisas, rolando nos concavos, em grandes massas informes; rastejando pelas espaldas das encostas; coleando por entre os troncos; pejando o espaço de architecturas desconjuntadas e extravagantes.

Os sobresaltos da linha e os vagidos da côr acordavam tumultuosamente da sua passividade noturna a multidão dos contornos. A paisagem, até ahí informe, vaga, d'amalgama, realisava-se em formas vivas, de desenhos nitidos, palpitan-tes. Circulavam livremente as tintas.

A luz, como um gume d'oiro, ia dissecando o corpo da terra, morta na noite, dissecando toda a anatomia das coisas (ossaturas de rochedo, musculações de arvores) surgindo descarnada de sombra. . .

E estoirava o sol Vermelho, enorme, esplendente, rompia do oeste a diademar d'oiros os montes, a vestir d'oiro as curvas doces dos outeiros, a diluviar d'oiros os valles rotos á manhã. . .

Eram horas de trepar mais para alto, mais para riba, para os Maninhos onde a urze tenra e o giéstal em flôr se offer- tavam em pascigo ao gado.

Topa aqui, topa alli, abraçados um no outro, elle quasi com ella ao côlo, subiam até onde a terra liberta dominava já todo o espaço, desflorando a virgindade da luz, senhora dos ares, toda ala-

gada e toda a escorrer para as funduras dos valles, de dia nascente. . .

— Eh! eh! . . . que vamos p'ro céu!

E n'aquella magnificencia de festim pagão que os envolvia, n'aquellas vertigens da Altura, — trepando, trepando, té parecia que era o Ceu a descer para



(Desenho de José Pacheco)

elles. Enchiam se-lhes os peitos de infinito.

JOÃO CORRÊA D'OLIVEIRA

## CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

### PELO MUNDO FÓRA

De dia para dia se accentua o odio entre ingleses e allemães, cujos interesses e futuro estão em jôgo. A respectiva imprensa traduz bem claramente o estado dos espiritos das duas nações em lucta. O mesmo succede nos paizes alliados contra os allemães. A polemica attingiu o elemento intellectual, abalado pela defesa que *noventa e tres sabios allemães* fizeram dos processos empregados na guerra do seu paiz contra a Belgica e os aliados.

Emquanto os respectivos exercitos sofrem tremendos choques e se expõem ás inclemencias do tempo nas mortíferas trincheiras, as Universidades entregam-se a ardentes polemicas vendo-se os homens eminentes nas letras e nas sciencias empenhadas na defesa dos seus paizes. As academias risoam das suas listas os nomes dos sabios e litteratos que hontem eram acolhidos com indizível enthusiasmo.

A proposito accentua-se a differença entre o intellectual allemão e o francês. Este caminha entregue ao seu sonho de liberdade, de humanitarismo e de fraternidade, ao passo que aquelle submete o espirito á servidão imperial e militar.

O intellectual allemão, é, acima de tu-

do, soldado. Em caso de necessidade é negociante ou emprectivo; mas, o seu objectivo unico é servir, por todos os meios os interesses materiaes do seu paiz.

Em França estabeleceu mais de 100.000 casas, que ali exploraram a industria, baseada nas descobertas francêsas, que o allemão soube modificar em seu proveito. O intellectual allemão tem sciencia propria, e, quando tem diante de si um objectivo, caminha firme e seguro. E' positivista e emprehendedor.

O intellectual francês é idealista e por vezes, ingenuo; o allemão é pratico. Apesar d'isso os seus planos parece que vão falhando e que na lucta contra os russos estes vão de victoria em victoria, vencendo austro allemães e turcos.

Segundo um jornal foram mandados para a *Siberia* e para as provincias do norte da *Russia* 870 officiaes e 57.765 soldados allemães e 2970 officiaes e 141.012 soldados austriacos. Nos hospitaes ha 20.330 officiaes e soldados allemães.

Nos pontos *d'étape* e nos caminhos de ferro ha 48 870 officiaes e soldados allemães, e 60.300 officiaes e soldados austriacos.

Até 23 de Dezembro os russos capturaram 4.326 officiaes e 353.184 dos exercitos austro allemães.

Segundo *Le Journal*, de Genebra, as perdas russas podem avaliar se em 1.600.000 homens sendo 540.000 mortos, mais de 400.000 prisioneiros, e o resto feridos e doentes. Por outro lado o jornal bulgaro *Dnevnik* diz que no theatro da guerra de este os russos perderam 817.000 homens, entre mortos e feridos, e sem contar os prisioneiros. Além d'isso perderam metade da sua artilharia. Disse-se que o Japão lh'a fornecera, em troca da cessão da ilha *Sakhā-lnia*. O caso foi negado.

Muito discutido foi o *pacto ultimamente celebrado entre a Turquia e a Allemanha*. Esta compromette-se:

1.º A fornecer á Turquia o material, munições e dinheiro necessario para a sustentação das suas tropas durante a guerra.

2.º A fornecer á Turquia soldados do corpo de engenharia e outros especialistas, e tantos officiaes quantos lhe seja possivel.

3.º A pagar á Turquia, no caso de triumpho, a quinta parte da indemnisação que a Allemanha pretenda impôr aos seus inimigos.

4.º A não firmar a paz separadamente, e, no caso de uma paz desfavoravel para a Allemanha, a incluir no tratado de paz



MARECHAL-DE CAMPO ALEMÃO VON HINDEMBURG

victórias foram entusiasticamente anunciadas pelo gran duque Nicolau ao general Joffre.

No entanto os turcos dispõem-se a invadir o Egypto e a apossar-se do *Canal de Suez*, cuja obstrucção é o seu fito.

Os russos vão entrando na *Galicia*, invadem a *Bukovina*, tendo occupado *Suczana* e *Kimpolung*.

Preparam-se para entrar na *Transylrania*.

Os austriacos abandonaram por completo a *Servia* e foram derrotados em *Ujok*.

Os inglezes preparam-se para forçar os *Dardemellos*.

Bombardearam *Dar-es-Salam*, na *Africa Oriental Allemã*, causando importantes estragos na cidade e inutilizando por completo os navios inimigos que estavam no porto.

*Dar-es Salam*, capital da *Africa oriental allemã*, na foz do rio, tem 11 000 habi-

talha de França destaca-se o neto do glorioso *Garibaldi*, o joven *Bruno Garibaldi*, que se bateu na *Argonne*, á frente da legião *Garibaldina*, que consta de mais de 15.000 combatentes. O numero d'estes augmenta, com o fim de vingar o digno descendente do unificador da Italia.

*Amilcar Cipriani*, o grande italiano que ha muito vive em Paris, organisou uma legião em que tomou parte socialistas de todos os paizes da Europa e das duas Americas. As ultimas noticias dão como morto outro neto de *Garibaldi*.

Tem produzido profunda emoção uma nota do governo norte americano á Inglaterra, a proposito da excessiva fiscalização exercida pela esquadra britânica aos navios dos paizes neutros, suspeitos de fazerem contrabando a favor da *Allemanha*, que se diz receber da *America* abatecimento de cobre para as suas munições de Guerra.

As relações entre as duas potencias — a Inglaterra e os Estados Unidos parecem pois um tanto confusas.

Telegramma recente diz que a esquadra *Yankee*, que ia largar para *S. Francisco da California*, conti ua nas aguas do Atlantico, e que o presidente

uma clausula garantindo a integridade do territorio.

Por sua parte a *Turquia* compromete-se:

1.º A tomar parte na guerra contra a *Grã Bertanha* e *Russia* (no documento não se cita a *França*).

2.º A proclamar a guerra santa.

3.º A não firmar a paz separadamente.

Segundo informações de *Constantinopla* a *Turquia* pediu 500.000 milhões de marcos á *Allemanha* para poder continuar a guerra.

Os turcos estão porém em maré de azar. Tem sido batidos pelos russos em varios pontos. Agora invadiram a *Persia*, nos territorios ao sul do lago *Urmia*, o que provocou protestos do respectivo governo.

Os russos derrotaram-nos por completo em *Sarykamish* e *Ardakan*. Estas

tantes. Foi cedida pelo sultão de *Zanzibar* á *Sociedade allemã da Africa Oriental* em 1885. E' um dos melhores portos do littoral da *Africa Oriental*.

Como se vê o grande império colonial allemão vaee passando á historia.

Entre os mortos nos campos de ba-



DEANTE DE TSING-TAO — BATERIA JAPONESA RECEBENDO ORDEM PELO TELEGRAPHO DE COMEÇAR FOGO



EM LOMBAETZIDE, A N. E. DE NIURPOT, OS SOLDADOS DEFENDEM, CASA POR CASA, A ALDEIA BELGA

*Wilsn*, está disposto a obrigar a Inglaterra a respeitar as reclamações justas que os Estados Unidos lhe forçam.

Parece contudo que se manterão as amigaveis relações entre os dois paizes, cuja imprensa ainda ha dias celebrava festivamente o *centenario da paz anglo americana, celebrada em Gand*.

E' no entanto certo que na *America do Norte* ha uma forte corrente germanophita, que tem por porta-bandeira o jornal *Washington Post* em que se lia ha dias o seguinte:

«A Inglaterra aneia o dominio marítimo absoluto. O militarismo terrestre deve odiar-se e destruir-se com a ajuda de todas as nações da Europa; mas o militarismo marítimo é uma cousa admiravel sempre que seja militarismo britannico. Isto é uma corrupção inglesa, que o mundo inteiro hade aceitar.

Como é que os Estados Unidos podem sentir-se em segurança ante a frota britannica, que para a *America* é uma ameaça muito maior que o exercito allemão? A frota britannica pode ameaçar as costas americanas e o *Canal de Panamá*; mas o exercito allemão não pode fazê-lo, porque nem tem meios de se

transportar para lá! Se a Inglaterra lo-grasse um triumpho sobre a Allemanha, e tratasse de estabe-lecer o dominio ma-rítimo contra o direi-to e os interesses da America, a nação americana teria que declarar a guerra á Inglaterra.

Agora diremos nós, a semelhança do *Borda d'agua, Deus Super Ommia*.

A perda do cou-raçado *Formidable*, afundado na manhã do dia do *Anno No-vo* provocou a dis-cussão das vanta-gens dos submarinos sobre as grandes uni-dades, trazendo se novamente a terreno

a conversação que o ministro da marinha allemã, o *almirante von Tirpitz*, teve com um jornalista americano, e da qual se citam as seguintes palavras:

«A Inglaterra quer reduzir-nos á fome. Pois bem, nós poderemos com os nossos submarinos atacar e afundar quantos transportes e navios mercantes se acer-quem das costas inglêsas, e digo pode-remos fazê-lo, porque os nossos subma-rinos são melhores do que os inglêses e dentro em pouco teremos 40 d'esses su-bmarinos de 900 tone-ladas em serviço. Estes navios podem, sem necessidade de reabaste-cimento, dar a volta á Inglaterra e estar 15 dias fóra do seu ponto de apoio naval».

D'onde a imprensa allemã e americana conclue que o plano dos tentões é atacar a Ingla-terra não só militarmente com os seus subma-rinos, como também fazer-lhe a guerra com-mercial, a mesma guerra de exterminio ao navio mercante que a Inglaterra fez e está fazendo á Allema-nha desde o começo da guerra. Um bloqueio realizado por subma-rinos apresenta se muito mais plausivel do que a problematica invasão da Inglaterra pelos *Zep-pelins*.

Este plano da Alle-manha determina o es-forço gigantesco da In-glaterra empenhando-se em evitar que os al-lemães estabeleçam a base definitiva e eficaz para os seus emprehen-dimentos, submarinos em *Ostende* e *Zeebru-gge*, os pontos de apoio navaes de que carecem para levarem por dian-te o seu plano de ata-que e bloqueio á Ingla-terra.



NATAL NAS TRINCHEIRA. FRANCEZAS. PUDING DO NATAL

Os ataques recentes de submarinos al-lemães a *Dover* e ao *Harre*, e a destrui-ção do *Formidable*, são prova evidente de que os allemães vã tornando effecti-vo o seu ataque.

Varios navios mercantes desapareci-dos no canal e no Mar do Norte devem a sua sorte aos torpedos dos submarin- os e, se dermos fé ao que annunciam os jornaes allemães, não tardará muito que entre numa nova phase a luta naval nas costas e aguas inglêsas.

areias e tectos de ferro. Estas constru-ções estão protegidas contra possiveis ataques de aviadores inimigos, por meio de canhões especiaes.

A Inglaterra parece disposta a decretar o serviço militar obrigatorio, afim de mais promptamente accudir ás necessi-dades da guerra actual, em que os al-liados não conseguem fazer retroceder o inimigo para o seu paiz e derrotá-lo de-finitivamente. *Lord Haldane* mostrou na camara dos lords a urgencia d'essa re-

solução, sacrificando se a liberdade individual ao beneficio da liberda-de nacional.

Vê se que os annun-cios, as incitações e as ofertas de dinheiro não bastam para fazer mar-char para o theatro da guerra homens que não sentem enthusiasmo bellico.

Os turcos, se bem que derrotados pelos russos, conseguiram in-vadir a *Persia*, trans-pondo a fronteira de *Azerbudjan*, e entrando em *Tabriz*.

Os inglêses terão que defrontar-se com elles no *Egypto*, para onde caminham a toda a velo-cidade as hostes do Sul-tão. No *Canal de Suez* receiam se assaltos ot-tomanos tendentes á in-utilização da passagem de navios.

Os campos de bata-lha tanto a Este como a Oeste tem soffrido grandes inundações e as trincheiras estão cobertas de neve, diffi-cultando os comba-tes, que sómente na primavera entrarão nu-ma phase decisiva.

Affirma-se que o mi-nistro da guerra, in-glês, *lord Kitchener*, em resposta a uma dama que lhe per-guntára quando finda-



COSINHAS AMBULANTES — SERVIÇO A SOPA AOS FERIDOS NO CAMPO DE BATALHA

va a guerra, disse: — Não sei quando acabará, mas o que lhe posso assegurar é que só começará a valer em Maio».

Tem sido muito commentada a demissão do ministro dos estrangeiros austriaco, *conde de Berchtold*, que foi substituído pelo ministro húngaro *Burrity*. Attribute-se a demissão à interferência do *Kaiser*, de accordo com o *conde Tisza*, presidente do conselho húngaro.

Paris toma precauções nocturnas contra possíveis incursões de aeronaves inimigas que pudessem escapar aos projectores luminosos e aos tiros da artilharia francesa. Londres também ha muito se previne contra uma invasão de *Zepelins*.

A imprensa europeia tem discutido acaloradamente o facto da prisão do *cardenal Mercier*, arcebispo de Malines, que está de sentinella á vista, por ordem do governador geral da Belgica, em consequência da publicação d'uma pastoral que havia de ser lida pelos parochos apoz o Natal. A pastoral, dizem no os allemães, continha uma serie de declarações d'ordem politica, incompatíveis com o estado actual d'occupação allemã.

O Papa já interveiu no assumpto, esperando-se uma solução honrosa para ambas as partes.

Tem sido bem acolhida a ideia do successor do throno de S. Pedro para que se faça a troca de prisioneiros de guerra incapazes de serviço.

As principaes potencias trabalham activamente para a realização d'esse acto humanitario.

A Italia que tantas vezes tem soffrido as mais dolorosas provações, accionadas por cataclysmos geologicos, acaba de ser attingida por mais uma d'essas horrorosas catastrophes, em que, parece, pereceram umas *trinta mil pessoas*, além de *prejuizos avaliados em cem milhões de liras*.

Esta catastrophe apresenta-se ainda mais dolorosa que a de *Messina*.

Foi no dia 13 que se deu um forte abalo de terra tendo por centro as regiões de *Sabina*, *Abruzzos*, *Terra di Savoro* e *Umbria*.

A cidade de *Avezzano* apresenta o aspecto de um enorme cemiterio, formado por um montão de ruinas d'onde sahem gritos angustiosos de socorro dos enterados vivos e de agonisantes.

A sequencia de abalos era extraordinaria. Em 24 horas deram-se nada menos de 98 tremores de terra!

Os abalos foram acompanhados de tempestade em *Ancona* e de intenso frio em *Venesa*, onde a neve cahiu em turbilhão.

Em *Sora*, um dos pontos que mais soffreram, viram-se sahir das fendas do solo, abertas pelos tremores de terra, vapores sulfurosos e jactos de agua a ferver.

Em *Pescina*, é enorme a extensão da catastrophe, bem como em *Colano*. Os feridos são transportados aos milhares para *Roma*.

Os soberanos visitam diariamente os enfermos. As subscrições a favor das victimas sobem extraordinariamente. Os trabalhos de salvamento fazem-se com a maior rapidez, favorecidos pelo bom tempo. Mas os abalos continuos pulverisaram os edificios, dificultando o socorro

aos soterrados, que morrem de fome e de frio!

A maioria dos sobreviventes fica como embrutecida; alguns fugiram como loucos, sem vestuario.

Algumas mulheres sentram-se mães debaixo dos escombros! Todas morreram, bem como os filhinhos, á excepção de uma que escapou com o filho.

Calcula-se que dez por cento da população das regiões destruidas foi dizimada pela terrivel catastrophe:

Um horror!

E no entanto continua a dizer-se que a Italia vae em breve entrar na guerra!

Em Vienna realizam-se manifestações hostis á Italia, parecendo que os officiaes superiores austriacos não occultam os seus sentimentos italophobos.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



## XEQUE Á RAINHA

=

Manhã de Novembro

Parece outro, o gabinete querido onde me recolho com prazer sempre que posso. Ornou-o carinhosamente a minha arte, guiada e inspirada pelo meu amor por ti.

A mesa onde escrevo é agora um mimo. Numa aparência de ingénua desleixo, ali se encontra tudo em gentil combinação. E caídas, num molho a emmurchecer, rosas de outono, grandes e pálidas, exibem a sua palidez macia, dengosamente, sobre o negro luzidio da mesa.

São uma nota suave e mimosa estas rosas de outono desterradas entre livros e papéis,—estas flores idosas cõr de marfim antigo, requintando cada vez mais a sua delicadeza e a sua finura conforme vão murchando, como se fõsem mulheres garridas a envelhecer...

Pus outra mão cheia delas em uma estante baixa, de forma inglesa, como esquecidas, deliciosamente abandonadas no meio de grãceis bugigangas. E num solitario esbelto, mais rosas ainda, muito brancas estas, vaidosas nos seus longos pés delgados,—como jactos finos que dele saísem para logo espumejarem em corolas a sorrir...

Parece outro, não há dúvida, o meu gabinete!

Por deante dos livros dispostos em assimetria calculada, a seda rubra das cortinas cai em fartas pregas, a toda a altura das esguias estantes, imponentemente, num franzido cuja desigualdade a minha inspiração compõs ora á direita, ora á esquerda.

A *chaise-longue*, as cadeiras, as poltronas, as colunetas... Todos estes companheiros fieis que mudamente me rodeiam e comigo vivem, estão nos postos que a estratégia da arte marcou, num desalinho genialmente habilidoso que me satisfaz e me seduz.

Como este meu gabinete vai agradar-te, Else! Como vou ser venturoso sentindo quanto admirarás, através do engenho deste refúgio de maravilha, a alma branda que o adornou!

A minha alegria parece contagiar tudo

isto. Tudo isto que me cerca parece, na verdade, haver-se integrado na minha existência varia como complemento inseparável do meu ser. Tudo isto reuma contentamento, porque estou eu contente. Tudo isto se me afigura que sabe, como eu, que tu vens aí, que não tardas, que pela primeira vez entrarás aqui, harmoniosa e amante, qual onda divinal de arroubador influxo a embelezar-me a vida,—e tudo isto pulsa de felicidade comigo, numa simpatia enternecedora!

Até esta manhã de outono é formosa como nenhuma. O sol baixo trespassando o folheto enferrujado dos plátanos emornece e aclara docemente a minha casa. O alento da atmosfera limpida, lava da pelas chuvas, entra pelas janelas escancaradas, em ondas puras e tépidas, como a bafagem de uma linda bõca sa dia de mulher.

Tudo está alegre,—tudo te espera, Else!...

Ah, chegas enfim!

A tua cabeça, que uma golfada de sol, abrindo caminho por entre as rareadas folhas de um plátano, veio saudar triunfalmente, appareceu a entrada, de súbito, saída de uma voluta do reposteiro carmesim que repuxavas por sob o mento.

Travessa, radiante, cantarolaste:

Si può, si può...

Assim, sob a explosão de luz que fallhava no vermelho do pano e te purpureava a formosura do rosto florescido em riso, parecia que eras a própria aurora que entrava, numa poalha de auri purpureo arrebol...

Entraste e, curiosa, antes de mais nada tudo miraste n'um vivo relancear de olhos.

A minha alma perseguiu ansiada esse curioso olhar por sobre a mesa, as paredes, as estantes, os móveis, as flores...

— *Os homens! oh, os homens!* — disseste a rir, cristalinamente, saindo-te as palavras, dos lábios brilhantes, com indizíveis notas musicais que reboaram comovedoramente no mais fundo da minha alma.

— *Os homens! oh, os homens!* — e fõste ás cadeiras e alinhaste-as junto a uma parede como soldados em sentido; a *chaise-longue* colaste-a a outra parede, com todo o cuidado, não fõsse deixar de lhe ser bem paralela ou o tapete de *Es-mirna* ficar com a menor ruga ou um quasi-nada de esguelha; na mesa, estantezinha britânica, por toda a parte, os objectos em uma rápida manobra tomaram posições da mais feroz simetria; os livros perfilaram-se, lirtos, unidos, e desapareceram por trás das cortinas rigorosamente corridas...

— *Os homens! oh, os homens!* — ias dizendo, com ar de riso, muito desembaraçada, com a suprema satisfação de uma dona-de-casa a ordenar e a arrumar...

E rindo mais, muito mais de eu ser um descuidado, deitaste a mão pequenina ás belas rosas outoniças, grandes e pálidas, e acordando-as do seu tranquilo sono de garrido envelhecimento, atiraste-as á rua...

Viana do Castelo, Novembro de 1914.

CLAUDIO BASTO



## «Da Grande Guerra»

## O presente de Natal

Naquella tarde de inverno a pálida Rainha, esguia sombra de luar errante, ao visitar demoradamente as trincheiras, dir-se hia que perdêra a habitual tristeza.

Sem patria e sem lar, como qualquer mendiga, essa dôce figura de mulher sempre vestida de branco, tinha qualquer coisa de espiritual e de santo, de apparição e de primaveril contentamento, na quelle frio agonisar de inverno, sob a neve a cahir.

A môça e candida alegria, que por vezes a florava o seu oihar dorido, era como um vislumbre dos presentes de Natal, que ella trazia ás mancheias para todos os soldados.

Entre tantos, nem um só fôra esquecido nessa tarefa miraculosa.

Prodigamente, santamente, a caridade

viera ás escondidas, como pede o Evangelho, trazer ás mãos da Rainha as suas dadas—para que ella as semeasse depois, as espalhasse num chuva de bençãos e de flôres.

Até os mortos, os valentes mortos de Heroismo, viveram o seu quinhão de lembrança e de saudade.

As covas razas engrinaldaram se. E ao arco iris do gêlo, sob a luz doentia, uniram-se os goivos e as rosas, as vio êtas e os crysanthemos...

A' noite no seu canto, mais aconchegado e mórno, Alberto, condecorado em Liège por temerária bravura, desatara febrilmente o nó das côres nacionaes, que enlaçava a prenda de Natal.

Vinda de longe, ainda mais longe que a terra abençoada da patria, era uma carta só. O papel com grandes manchas, talvez de lagrimas; e uma escripta desigual, apresada e trémula, significando porventura longos transes passados no êrmo, no abandono do exilio.

## «Meu Alberto»

«Deus -abe se ainda viverás, quando esta chegar ás tuas mãos. Tenho essa esperança ao resar á noite no altar da Senhora dos Milagres, parecendo-me vêr na Imagem um sorriso de bom preságio.

«Aqui na aldeia em que vivemos—é na Hollanda—todas nós as mulheres belgas vamos em côro á igreja pedir por vós. Não quero contar-te as privações que padecemos, ao abandonar para sempre o vosso lindo e desgraçado paiz; nada é em comparação do que terás soffrido, abafando e curtindo sósinho a magua immensa de nunca mais nos ver-mos.

«Perdemos tudo na fugida. Ficámos sem nada, arrastando a miseria do mais pobre e esfarrapado mendigo. Perdemos tudo... A nossa casa... o nosso jardim... as nossas flôres...

«Mas olha, Alberto, apesar do que te digo ainda me luz, cá dentro, um resto de esperança. A Providencia não nos abandona. Deus concedeu-nos um filho,



D. MARIA MEUNIER



EXPOSIÇÃO DE LAVÔRES — A ultima exposição de lavôres no collegio «Meunier» de Ponta Delgada foi mais uma confirmação dos bons créditos de que goza aquelle collegio, superiormente dirigido pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Meunier. (Clichés do Salão de High-life de M. J. Matos).

que vae ser agora todo o meu orgulho. E' o teu retrato; puz-lhe o teu nome tambem.

«Disseram-me que a nossa heroica Rainha, a nossa Santa Isabel, se encarrugava de vos fazer chegar ás mãos tudo o que lhe entregássemos ao seu cuidado.

Nada tenho para te mandar neste dia de festa. Só o retrato d'elle — do nosso querido filhinho. Com a sua pequenina e adoravel imagem ao pé de ti, creio até que serás mais forte e corajoso para lutar. Adeus. Tem fé que ainda nos veremos, quando não seja senão no céu.»

Leonôr

Paris, fim de Dezembro de 1914.

BELTRAND DE MONFROSE

ROMANCE

M. Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuação do numero antecedente)

O principe atalhou colerico e a sua voz disse imperiosa:

— Obedece ao teu amo.

O pequeno muito vermelho ficou parado.

— Então?! disse Milcza.

Mas Myrto levantou-se bruscamente n'um movimento de revolta:

— E' vergonhoso! Não deveis pedir tal acção, esta creança tem uma alma como nós, não é um animal irracional.

Um olhar faiscante cahiu sobre Myrto.

— Com que direito a menina falla para mim com esse modo?! Tem taes audacias, que mal comprehendo, e que não toléro.

— Eu não posso ver injustiças sem protestar, disse Myrto olhando firmemente para o principe terrôr de toda a familia!

— Retire-se d'aqui, disse Milcza furioso, e apontando para o castello, não quero que haja alguém que discuta comigo.

Retiro-me, mas *nunca* verá que eu curve a cabeça perante as vossas vontades contrarias á minha consciencia, e altivamente Myrto retirou-se do parque sem voltar para traz, ao passo que o pobre Karaly gritava:

— Myrto.. Myrto!

Ella encaminhou se ao acaso por uma avenida do parque, o coração batia-lhe com violencia. Tinha cumprido o seu dever, Deus estaria sempre com ella. Poucos minutos depois encontrou de baixo de uma arvore, sentado com a cabeça entre as mãos o triste Miklas, chorando.

— Que tens? disse Myrto com interesse.

— O principe bateu-me, meu pae vae-me castigar com certeza; meu pae está sempre a dizer, se um dia se agastarem de ti, receberás um forte castigo...

— Os teus paes moram longe?

— Não, minha senhora.

— Hei de fallar com elles, e pedirei a teu pae para não te bater.

— Obrigado, obrigado!

Ambos seguiram o caminho da casa dos paes de Miklas.

O caminho escolhido foi o mais curto para chegarem a casa do pae Buhocz.

Era uma pequena casa de pouca apparencia com um pequeno jardim á frente.

No limiar da porta appareceu logo uma mulher loura com aspecto decidido.

— Miklas, o que aconteceu?!

— Nada de grave, disse Myrto, risinhosamente.

Em seguida appareceu Buhocz, com cara de poucos amigos.

— Qual é a causa pela qual temos a honra de a vermos em a nossa casa?! disse o homem voltando se para Myrto.

— Vou explicar, então Miklas, não tenha medo.

— Medo? porquê? Fez alguma tolice?!!

Myrto contou então tudo que se passara

— Ah! miseravel! es a nossa vergonha! e correu para Miklas.

Myrto colocou-se diante do pequeno, olhando fixamente para o homem.

— Não quero que lhe bata; o seu filho não o merece, a culpa, como viu, foi minha; promete-me que não lhe bate?

— Hoje não, amanhã não respondo. Se eu perco o lugar que serão dos meus cinco filhos?

Perante aquelle homem tão irritado, Myrto ficou quasi sem dizer palavra. Depois pouco a pouco foi convencendo-o até que o mau genio passou.

— Eu não prometo que desta vez escape, mas é fraquesa da minha parte.

— Decerto, disse a mulher, mas é curioso, ninguem pode resistir aos seus pedidos, se a senhora pedisse talvez conseguisse alguma coisa.

— Farei a diligencia, mas somente o filho é que pode conseguir alguma coisa do sr. Milcza.

E Myrto pensava: «quando verei agora o pequeno Karaly!!»

Ella despediu se, beijando o pequeno Miklas. Tomando a direcção do castello e quando atravessava o parque ouviu sons de organo, era o principe que estava tocando um harmonium triste como a sua alma.

Myrto parou uns momentos dizendo para si:

— Não me arrependo do que fiz, verá ao menos, que nem todos se curvam ás suas injustiças.

VIII

Myrto no dia seguinte, apoz a missa, permaneceu ainda bastante tempo, restando umas meditações. Quando estava para sahir, sentiu passos e voltando-se viu a creada do quarto da condessa,

— Que deseja, Constança?

— A senhora condessa pede para chegar ao seu quarto.

Quando Myrto entrou no quarto da condessa, esta estava na cama conversando animadamente com a filha mais velha

— Myrto, que foi essa historia que chegou aos meus ouvidos tão *confusamente* contada por Mursa e segundo me parece Myrto respondeu *altivamente* ao principe...

— E' a pura verdade, disse Myrto, tranquillamente.

— Mas ousou? E' uma loucura da sua parte, e um motivo tão futil!

— Fiz o meu dever, nada mais!

Não me arrependo, o sr. Milcza queria uma coisa de Miklas, que eu como christã

não podia consentir; as creanças não são animais irracionais.

— Quer dizer que meu filho, vae-me obrigar, talvez, a dizer-lhe que deixe Voraczy.

— Fiz o que devia, e farei sempre quando vir coisas contra a minha consciencia.

Irene sorriu se.

— Que pena não ser homem, para defender os fracos contra os tyranos! Aqui o tyrano é o principe. Mas... perderá a victoria...

— Sei-o perfeitamente, andei como devia.

— Mas a menina é d'uma audacia, disse a condessa irritada, que me encontro em frente de meu filho em uma posição pouco invejavel, pois fui eu que a trouxe para aqui.

O coração de Myrto apertou-se e sahio do quarto sem dizer palavra,

— Quem havia de dizer que esta rapariga tinha um genio assim! Parecia tão meiga, disse a condessa para Irene.

— Sempre notei que possuia um caracter altivo, tendo o *dever* como uma obrigação quasi sagrada.

— Emfim, collocou me n'uns embarracos! Que fará o principe?

— Estou certa, disse Irene que Milcza não fará nada; foi um bem para se conhecer o genio d'esta quasi extranha; acho que foi optimo para nós.

— Que queres dizer, Irene n'essas tuas palavras?!

— Nunca pensou, mamã que essa afeição de Karaly por Myrto era inquietadora? A creança não quereria certamente separar-se d'ella durante o inverno e Myrto não podendo ficar aqui sozinha, o principe nos obrigaria a ficarmos aqui todo o inverno, que solidão, que tristeza!

— E' verdade, Irene! disse a condessa consternada mas apesar de tudo é sympathica.

Irene levantou os hombros.

— Então que quer a mamã, a culpa não é nossa, é toda d'ella. Agora o mal está feito, e não podemos ir contra a vontade do principe.

— Desgraçadamente não! disse a condessa.

Emquanto isto se passava Myrto entrou no seu quarto, chorando silenciosamente. A fria ironia de Irene, os modos pouco agradaveis da condessa, os travam-lhe que nada poderia esperar dos seus parentes, nem o sustento moral, nem uma afeição verdadeira. Estava desterrada sobre a terra, apenas podia contar com Deus que nunca abandona as creaturas, pois dissera:

«Eis-me que estou convosco até á consummação dos seculos».

Era necessario buscar outro caminho iria fallar com o padre Joaldy, este dar-lhe-hia conselhos que lhe podessem illuminar qualquer destino. Uma leve pancada na porta avisou-a que alguém a procurava; era Tylda a criada hungara ao serviço de Rosa e de Myrto.

— Manda dizer Mursa que o menino Karaly está bastante inquieto por não a ver.

Myrto ficou pensativa, estava quasi certa que era um recado do principe, mas como podia ser?! Apoz o que se passara na vespera? Pensando na pobre creança, vestiu-se de branco e tomou a direcção do templo grego.

(Continua).

## Túmulo de D. Duarte de Menezes

Grande português foi D. Duarte de Menezes, que tanto aureolou de gloria seu nome como sua patria e terra em que nasceu, Santarem.

Filho natural de D. Pedro de Menezes primeiro capitão de Ceuta, e de Isabel Domingues—a *Bé-chiqueira*—moça de sangue nobre e da camara da primeira mulher de D. Pedro de Menezes; neto paterno do conde D. João Afonso Telo e bisneto do conde de Ourém, pelo que descendente dos reis de Castela.

D. Pedro de Menezes legitimou este seu filho, em 15 de março de 1421, e lhe deu casa, destinando-o à vida ecclesiastica; mas a pronunciada tendencia de D. Duarte de Menezes para as coisas da guerra, fez com que seu pae o mandasse ir para Ceuta onde o exercitou naquella arte e, de tal modo que o jovem militar imberbe, tendo apenas 15 anos de idade, se portou com tanta bravura num ataque contra mouros, que D. Pedro de Menezes, no proprio campo de batalha, o armou cavaleiro.

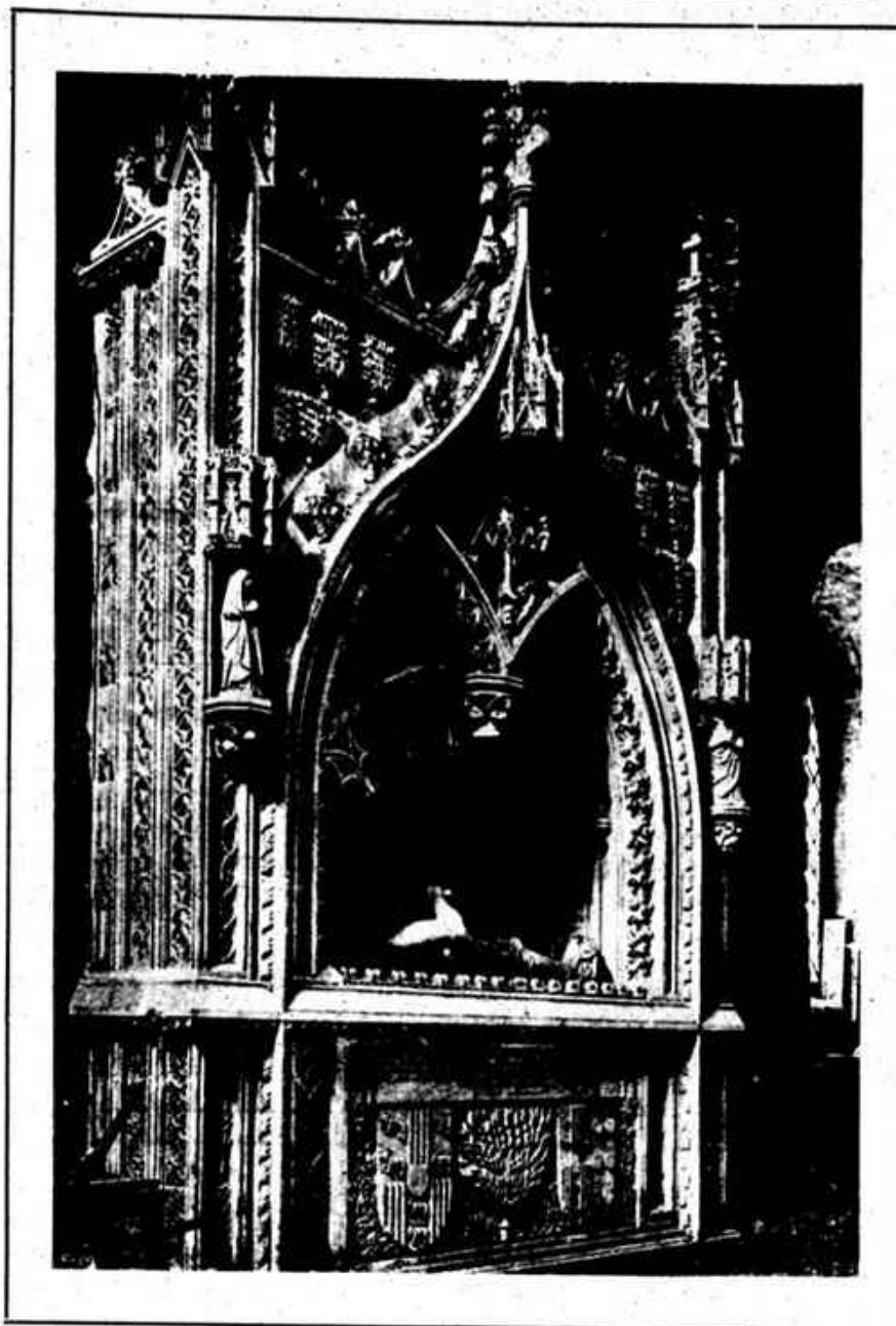
Num recontro de mouros, salvou a vida a D. Fernando de Noronha, seu cunhado que se encontrava em luta com aqueles em força de 400 cavaleiros e 1:000 infantes.

Ficando a governar a praça de Ceuta, na ausencia de seu pae, durante esse tempo inflingiu derrotas aos mouros, em varios ataques que eles fizeram àquella praça. Tomando parte na grande jornada de Tanger (1437) assistiu em lugar de seu pae, que estava doente, indo como alferes-mór ou porta-bandeira, dos infantes D. Henrique e D. Fernando, realisando a tomada de Tetuão.

Por morte de seu pae, o rei conferio-lhe o lugar de seu alferes-mór que aquelle desempenhava; nomeou-o membro do seu conselho, distincção que só se concedia por grandes serviços à patria, e mais o fez alcaide-mór e fronteiro-mór de Beja, com todas as rendas, fóros e honras inherentes a este posto.

Por morte de el-rei D. Duarte, foi nomeado general pelo regente D. Pedro, e revestido no alto cargo de embaixador português em Castela, onde D. João II o recebeu com as maiores hon-

ras e o fez seu conselheiro. Empenhava-se então a conquista de Granada, e D. Duarte de Menezes solicitou a D. João II o tomar parte naquella guerra o que lhe foi concedido, sendo-lhe dado, o posto de *adelantado*, fronteiro-mór, e ali, durante tres anos, prestou relevantissimos serviços.



TUMULO DE D. DUARTE DE MENEZES

Voltando a Portugal, acompanhou D. Afonso V a Alcaer-Ceguer, onde excedeu em prudencia e bravura os maiores capitães portugueses, e o nomeou D. Afonso V, governador de praça, que manteve contra as investidas dos infieis e dos quaes se tornou verdadeiro terror.

Chamado a Lisboa, em abril de 1460, el-rei o recebeu com grandes distincções e o fez conde de Santarem por carta de 6 de julho do mesmo ano, como herdeiro de seu pae, D. Pedro de Menezes.

Voltando novamente a Alcaer-Ceguer, ali continuou na luta contra os mouros, incendiando-lhes quatro das mais ricas povoações, Palmira, Ceta, Amar e Leonçar.

Depois de tão assinaladas victorias foi, por fim vitima dos infieis, morrendo herocamente na celebre acção da Serra de Bonafocú para salvar a vida de D. Afonso V, em 20 de janeiro de 1461.

A viogança dos mouros foi terrivel, pois vencendo-o e matando-o, lhe esquarteraram o corpo de tal modo que completamente se perdeu, á excepção de um dedo— a historia não explica como este dedo se salvou—mas é esta, de fé, preciosa reliquia que se encerra no suntuoso tumulo que sua segunda mulher, D. Isabel de Castro, lhe mandou erigir numa das capelas da igreja dos frades de S. Francisco, em Santarem.

Este tumulo, como se vê, é em estilo gotico e um dos mais primorosos exemplares desta architectura em nosso pais.

Sobre o mausoleu acenta a estatua em pedra de D. Duarte de Menezes, o qual, pelo que historia diz, era tão valente quanto homem de bella estatura e formoso.

Na frente do tumulo lê-se a seguinte inscrição:

*Memoria de D. Duarte de Menezes Terceiro conde de Vianna, tronco dos Condes de Turouca, primeiro Capitão de Alcaer-Segner, em Africa, Que com quinhentos soldados defendeu esta praça, contra cem mil mouros, com os quaes teve muitos encontros, ficando n'elles com grande honra e gloria. Morreu na Serra de Bonafocú, por salvar a Vida do seu rei, D. Afonso, o Quinto.*

## NECROLOGIA

### José Ferreira do Amaral

Dia 8 deste mês, faleceu no seu palacete do Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 2, o sr. José Ferreira do Amaral. A sua morte foi, em geral, sentida, porquanto este abastado capitalista, tenacissimo e inteligente, não regateava o seu conselho e o seu auxilio valioso àquelles dos nossos commerciantes e industriaes que intentavam mais proficuamente desenvolver os seus ramos de actividade.

O sr. José Ferreira do Amaral era um vivo exemplo do trabalho pertinazmente empenhado aliado a um senso pratico pouco vulgar e quasi infalivel na sua percepção rapida. E so assim se comprehende que ele, de pobrissimo que era, ao partir, desprotegido, tendo apenas 16 anos de idade, para as terras de Africa, se tornasse, alguns tempos após, um importantissimo proprietario e agricultor em S. Tomé. Entre os seus compatriotas e companheiros de trabalho, lhe conquistou um lugar de distincção. A administração das suas varias propriedades—fazia-a ele progressivamente e energeticamente.

Deste modo, conseguiu imprimir um extraordinario impulso á cultura do cacau em S. Tomé. O sr. José Ferreira do Amaral gosava dum grande prestigio que era a recompensa do seu esforço largamente dispendido. Era director da



JOSÉ FERREIRA DO AMARAL

Fabrica de Laticios em Alhandra e das firmas—José Ferreira do Amaral, Limitada; Brandão, Cunha & C.; Amaral, Newa & Botica, Limitada. Além disto, era um grande obrigacionista da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes (Norte e Leste).

Nasceu na freguezia de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos, em 1842.

O finado contava pois, 72 anos de idade.

Enviámos a expressão dos nossos pêsames á sr. D. Maria do Rosario da Silveira Ferreira do Amaral e seus filhos.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos mais dois numeros da excelente Revista de filosofia politica, *Nação portuguesa*, primeira entre as primeiras, no genero, do nosso pais, firmada pelos melhores nomes da geração literaria nova. Sumario do n.º 5: *Natureza da Representação—Lucta de imperialismos—Sindicalismo e Republica—A apologia da guerra—A lição de Olivença.*

Sumario do n.º 6: *A formula politica—Humanismo e nacionalidade—Da poesia das cinzas á poesia das brasas—Monarquia integral e Republica democratica—De como em Democracia se concebe o exercito—De «O Novo Principe».*

# GRANDE MARCENARIA MODERNA

RUA DE S. LAZARO, 80

LISBOA

Executa toda a qualidade de mobiliario, desde os modelos communs e ligeiros, até aos mais luxuosos. Especialidade em obras de talha de todo o genero: **tectos, lambris, arcos, portaes**, etc., etc. Esta fabrica, dispõe de elementos para concorrer em preços com toda e qualquer outra, porque os seus machinismos representam a ultima palavra nos progressos d'esta industria, e reduzem inuitissimo a mão de obra.

DEPOSITO

## Elysio Santos & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

83, Rua Augusta, 93 - LISBOA

## TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 - Largo de S. Roque - 11 e 12

LISBOA

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. \* \*



### Preparado

que  
por completo  
tira a caspa

evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise  
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

### Carlos Pimentel

Especialista de doenças da boca e dentes  
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa  
DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfeccção meticolosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36, 1.º (frente para a R. Ivens)

### Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.<sup>ta</sup>

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria - Licôres nacionaes e estrangeiros

- Vinhos finos e cognacs - Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

= Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lunches para casamentos, baptizados e solréas

## Dans Les "Fleurs,"

São os perfumes da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

## Funeraria Economica

- DE -

Fernando Antonio da Silva

Funeraes e transladações de todas as classes, em Lisboa e fóra

21, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 23

## Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1,500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE - CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

GRAND PRIX - O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Premiado com medalhas de ouro, nas exposições de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem, 1898, Anvers 1904, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Pedro Franco & C.<sup>a</sup>

Rua de Belem, 147 - LISBOA

## Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, e do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças ao organismo, e no mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças. Está legalmente autorizado e pre-registrado.

Pedro Franco & C.

DEPOSITO GERAL

RUA DE BELEM, 147 - LISBOA